



AMBIENTE E CULTURA NO CONTEXTO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA DA PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO DO PANTANAL*

Jorge Eremites de Oliveira

Arqueólogo historiador e professor da UFMS - *Campus de Dourados*
(eremites@zaz.com.br)

Pesquisas arqueológicas realizadas no Pantanal indicam que a ocupação humana da maior planície de inundação do globo iniciou-se, no mínimo, há 8.200 AP (anos Antes do Presente) com populações caçadoras-coletoras-pescadoras pré-ceramistas associadas a aterros. A partir do final do Optimum Climaticum a ocupação foi intensificada, conseqüência também de um provável aumento da biodiversidade local, com uma grande concentração faunística que ainda hoje marca os ecossistemas regionais. Devido ao posicionamento geográfico singular do Pantanal, supõe-se que tais populações tenham vindo do Chaco, dos Cerrados ou da Pré-Amazônia. As pressões exercidas pelo meio ambiente, em especial a sazonalidade marcante da região, influenciaram a adaptação ecológica dessas populações, sendo fator importante para a instalação de seus assentamentos sistemáticos. Provavelmente entre 3.000 e 2.000 AP a planície de inundação já estaria povoada por vários grupos ceramistas portadores Tradição Pantanal, em sua maioria canoieiros, a exemplo dos Guató e de outros grupos exterminados durante a Conquista Ibérica.

Palavras-chave: Arqueologia; Índios; Pantanal.

*Archaeological research in the Pantanal area indicates that human occupation of the largest flood plain of the world dates to at least 8.200 B.P. (Before Present), with hunter-gatherer and fishing preceramic populations associated to mounds. The human occupation was intensified beginning at the end of the Optimum Climaticum, as a consequence of a probable increase in local biodiversity, with a great faunal concentration that even today characterizes the regional ecosystems. Due to the unique geographic location of the Pantanal, it is supposed that those populations had come from the Chaco, the Cerrados or the pre-Amazon. The pressures exerted by the environment, particularly the marked seasons of the region, influenced the ecological adaptation of those populations, and this is an important factor for the installation of their systematic settlements. Probably around 3000 to 2000 B.P. the flood plain was already inhabited by several ceramic groups of the Pantanal tradition, most of them boat people, such as the Guato and other groups exterminated during the Iberian Conquest.***

Keywords: Archaeology; Indians; Pantanal.

* Este trabalho foi apresentado na IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizada no Rio de Janeiro, durante o período de 22 a 26 de setembro de 1997.

** “Abstract” traduzido por Martin Giesso.

INTRODUÇÃO

Em novembro de 1996, por ocasião do *II Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal*, realizado em Corumbá (MS), as principais idéias contidas neste artigo foram apresentadas ao público através de uma síntese de vulgarização (vide Oliveira, 1997). Aqui elas foram repensadas e aprofundadas com a finalidade de estimular uma maior discussão acerca da complexidade da temática em pauta, pois abordá-la é uma difícil tarefa diante dos dados existentes até o presente momento; esta é uma das limitações para se discutir as origens e a natureza da complexidade social no Pantanal.

No que se refere às pesquisas arqueológicas realizadas no país, o Pantanal – maior área úmida contínua do planeta – representa a última grande fronteira ecológica incorporada ao cenário nacional. Os motivos são vários, dentre eles a inexistência de arqueólogos nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul até pouco tempo. Outra questão é que as atenções sempre estiveram voltadas para outras áreas, como a Amazônia, os Cerrados e o Litoral. Apesar disso, em menos de dez anos de pesquisas ininterruptas o Pantanal começa a chamar à atenção da comunidade científica nacional e internacional e a ser tema freqüente de discussões em eventos científicos que acontecem no país, quer seja na área de Arqueologia, quer seja em áreas afins.

O fato é que muito está por ser feito em comparação com outras áreas já bastante conhecidas. Ademais, parte do que se publicou até o presente momento consiste em artigos notadamente descritivos e simplistas.

Isto posto, é mister esclarecer que no presente trabalho tem-se por objetivo maior a concatenação de informações arqueológicas, etnográficas, linguísticas, ecológicas e de natureza paleoambiental para abordar problemas que dizem respeito à adaptabilidade humana, ou seja, do sucesso reprodutivo propriamente dito de indivíduos aos ecossistemas da planície de inundação do Pantanal. É também uma tentativa de apresentar uma síntese de parte do transcurso cultural que marca a ocupação indígena pré-colonial da região. A questão ainda está por ser explicada e, para tal propósito, valeu-se das discussões iniciais sobre a temática elaboradas por Oliveira (1996) e dos trabalhos publicados no âmbito das pesquisas realizados para o *Projeto Corumbá*, tais como: Rogge (1996), Rosa (1997), Schmitz (1997), Schmitz & Beber (1996). Também foram sobremaneira importantes os aportes de Ab'Saber (1988).

A TEORIA DOS REFÚGIOS E A PROBLEMÁTICA DA OCUPAÇÃO INDÍGENA PRETÉRITA DA PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO DO PANTANAL

Segundo Ab'Saber (1988) a *teoria dos refúgios* pode ser entendida como um conjunto de idéias referentes aos mecanismos padrões de distribuição de floras e faunas na América Tropical. O pressuposto básico é o de que em função de *ciclos alternados seco/úmido durante o Pleistoceno, a biota das regiões florestais tropicais ficou restrita a regiões isoladas úmidas ou refúgios, ali sofrendo diferenciações* (Glossário de Ecologia, 1987, p.168).

“A expansão subsequente dos habitats florestados úmidos, ao fim de um período seco provocou a expansão da distribuição dos animais e plantas da floresta chuvosa, deixando centros de maior diversidade e endemismos, como evidência dos refúgios do Pleistoceno” (Glossário de Ecologia, 1987, p.168).

Ao tratar a teoria para o contexto ambiental do Pantanal, Ab'Saber (1988) apresenta aportes significativos para o conhecimento da história quaternária da região e das sociedades indígenas que a ocuparam durante o período anterior à Conquista Ibérica da bacia platina. Neste sentido, discutir a problemática da ocupação humana pretérita do Pantanal no contexto da *teoria dos refúgios* é uma das tarefas que atualmente pesam sobre o arqueólogo que investiga o

assunto. Todavia, não se pode restringir uma discussão deste nível unicamente a dados arqueológicos (apesar de sua relevância maior), uma vez que o estudo etnoarqueológico de populações conhecidas historicamente também pode contribuir para um melhor entendimento da questão.

Somente nos anos 90, essa problemática pôde ser debatida para a realidade do Pantanal, em função do acúmulo de informações arqueológicas e etnográficas que podem ser concatenadas e pensadas, por exemplo, com dados de natureza paleoambiental. Mas ainda é visível a carência de pesquisas paleogeográficas e paleoecológicas que possam melhor elucidar a temática. Deve-se ainda ponderar que a *teoria dos refúgios* não é unanimidade entre especialistas em paleoambientes quaternários, sendo que as principais polêmicas estão em torno das especificidades das tendências regionais, como é possível constatar em Coltrinari (1992); tais tendências são praticamente desconhecidas para a região pantaneira e, portanto, não serão aqui tratadas. Ao que se sabe, apesar de quase dez anos da publicação do artigo de Ab'Saber (1988), nada foi questionado para a realidade do Pantanal. Ao contrário, vários trabalhos que vêm sendo publicados, a exemplo de Boggiani & Coimbra (1997), têm sistematicamente corroborado com algumas de suas idéias, muitas das quais serão aqui discutidas. É claro que não se está afirmando que as idéias de Ab'Saber sejam verdades absolutas, o que seria um absurdo em ciência; sequer ter o propósito de simplificar um tema complexo (*complicado* mesmo!). Fato é que o desafio foi aceito.

Do ponto de vista da ocupação indígena pré-colonial da região, em especial das áreas inundáveis que constituem a maior parte do Pantanal, duas questões merecem ser discutidas inicialmente: 1ª) sua grande biodiversidade, sobretudo em relação à considerável densidade faunística; e 2ª) seu posicionamento geográfico singular. Essas questões tornam-se fundamentais para a compreensão dos primórdios da história do homem na região, bem como da considerável densidade populacional e diversidade cultural ali existentes em tempos coloniais, especialmente nos séculos XVI, XVII e XVIII, conforme atesta a documentação histórica do período.

Isso não significa, vale a pena esclarecer em tempo, que se está lançando mão de um determinismo ambiental em decorrência da negação da complexidade inerente às sociedades humanas. Não é isso. Mas é certo que as múlti-

plas relações existentes entre meio ambiente e populações indígenas ainda estão por ser totalmente equacionadas na Arqueologia, a exemplo das atividades de subsistência e dos padrões de assentamentos.

A grande diversidade biótica que caracteriza a região – típica dos trópicos úmidos – é, sem dúvida alguma, um dos pontos de partida para se explicar as primeiras ocupações humanas do Pantanal. No caso, tendo por base as idéias apresentadas por Ab’Saber (1988), é possível deduzir que foi durante o Holoceno, em função de um processo de umidificação de âmbito continental, que o Pantanal tornou-se uma região de grande biodiversidade. Anteriormente, em fins do Pleistoceno, entre 20.000 a 13.000 AP, a região deveria ser mais seca em relação à época que corre, em decorrência de não haver a atual influência amenizante das inundações de inverno, *pois o nível do mar era quase 100 m mais baixo de que hoje, fazendo todos os rios encaixados nos tabuleiros da planície atual* (Brown Júnior, 1986, p.140). Nesse período, as condições climáticas locais parecem ter sido mais restritivas e desfavoráveis à diversidade da vida vegetal e animal comparadas com os tempos atuais.

Del’Arco, Silva, Terapanoff *et al.* (1982) explicam que no limite Pleistoceno-Holoceno predominava na região um clima semi-árido com chuvas torrenciais. Foi nesse período que ocorreu a definição dos principais rios de sua rede hidrográfica e a formação dos extensos leques aluviais. Dessa forma, o Holoceno significou para o Pantanal uma radical mudança climato-hidrográfica de condições subtropicais semi-áridas para condições tropicais úmidas sob sazonalidade marcante. Neste sentido, diz Ab’Saber:

“... por entre os leques aluviais estabeleceram-se os novos cursos d’água, afluentes ocidentais do rio Paraguai, na medida em que o clima regional ganhou espaços quentes e úmidos, com predomínio de precipitações entre 850 e 1.000 mm dentro da depressão pantaneira, de oeste para leste; e altos níveis de precipitações nas cabeceiras de drenagem, ao norte, nordeste, leste, sudeste e sul da imensa *boutonière* regional. Massas de vegetação inter e subtropicais do domínio dos cerrados, do Chaco e da periferia da Amazônia disputaram competitivamente os espaços anteriormente dominados por padrões de vegetação filiados à macroexpansão dos climas secos... No momento mesmo em que se multiplicaram os tipos e padrões de habitats animais, que enriquecem extraordinariamente a diversidade do Pantanal Mato-Grossense” (Ab’Saber, 1988, p.26-27).

Prossigue o autor:

“Por uma série de aproximações, envolvendo conhecimentos paleoclimáticos gerais e regionais, pode-se admitir que os leques aluviais foram elaborados

entre 23 e 13.000 anos, antes do presente. Enquanto as planícies meândricas e os grandes banhados, designados regionalmente por ‘pantanais’, certamente desenvolveram-se nos últimos 12 ou 13.000 anos, os principais contornos e ecossistemas aquáticos, subaquáticos e terrestres, do Pantanal Mato-Grossense teriam sido elaborados nos últimos cinco ou seis milênios” (Ab’Saber, 1988, p.28).

Entende-se que os últimos 5.000 ou 6.000 AP, correspondem *grosso modo*, ou ao menos em parte, ao período do *Optimum Climaticum*. Em trabalho mais recente, Ab’Saber (1994) explica que o período compreendido entre aproximadamente 6.500 e 5.500 AP foi uma fase planetária de aumento de calor, designada genericamente por esse termo (*Optimum Climaticum*), em que houve a dissolução das geleiras polares e cordilheiras.

Pesquisas arqueológicas atestam que a ocupação indígena do Pantanal teve início, no mínimo, por volta de 8.200 AP, para cujo período dispõe-se apenas de uma única datação radiométrica calibrada (C¹⁴), como informa Schmitz (1997). Trata-se de um *aterro* localizado no sopé da escarpa Corumbá-Ladário que delimita o planalto residual do Urucum com a planície de inundação, onde as pesquisas ainda não foram concluídas pelo *Projeto Corumbá*. Afora essa única datação, as outras mais antigas situam-se entre 5.000 e 3.000 AP, período posterior ao *Optimum Climaticum*. Trata-se, em ambos os casos, de sítios arqueológicos que contêm fortes evidências de ocupações pré-cerâmicas (*Fase Corumbá*), isto é, de populações humanas que ainda não portavam ou dominavam a técnica da manufatura de recipientes cerâmicos que, em muitos casos, pode ser um indicador de horticultura (*grosso modo* um cultivo incipiente), mas que no caso do Pantanal é uma questão que ainda está por ser respondida. Trata-se, provavelmente, de populações de caçadores-coletores-pescadores¹ que estabeleceram uma relação de “simbiose” com as áreas inundáveis da região, característica esta que também está presente no contexto da adaptabilidade ecológica das ocupações cerâmicas. Além disso, o fato de aparentemente não portarem uma tecnologia ceramista não significa que desconheciam formas de cultivo. Decerto teriam, no mínimo, manejado espécies florísticas em seus assentamentos, assim como os Guató antigamente faziam em seus

¹ Aqui o termo *caçadores-coletores-pescadores* não privilegia necessariamente uma ordem de acordo com o padrão de subsistência.

aterros, conforme pode-se comprovar através dos estudos de Oliveira (1996) e Schmidt (1951).

O termo *aterro* aqui utilizado é entendido como um tipo de sítio arqueológico de interior (em oposição aos litorâneos), a céu aberto, que se apresenta na paisagem como uma elevação do terreno, total ou parcialmente antrópica, que normalmente ocorre em planícies de inundação. Este conceito pondera a idéia de que aterro é uma elevação totalmente artificial do solo em zonas inundáveis, definição esta que tem sido utilizada na Arqueologia Brasileira desde os anos 60. Isto porque dizer que os aterros do Pantanal são totalmente artificiais – intencionais e/ou não – é negar a presença de fatores naturais em sua gênese e constituição, assunto que seria motivo de outro artigo. Schmitz & Beber (1996) também corroboram com a idéia de que os aterros do Pantanal são resultados de fatores antrópicos e naturais.

Já o período compreendido entre 8.200 e 5.000 AP ainda é praticamente desconhecido em termos de datações radiométricas, mas muito provavelmente teria sido ocupado por populações pré-ceramistas. Tais populações, provavelmente sendo as primeiras a chegar na região, ocuparam pontos que sofrem um menor grau de inundação, com destaque para sopés de escarpas (como a Corumbá-Ladário), diques fluviais (como córregos), diques lacustres (como o aterro MS-CP-16?), diques marginais (como os da lagoa Negra, nas proximidades de Ladário), *cordilheiras*, *capões-de-mato*, margens de ilhas lacustres e fluviais (como as da Ínsua e demais ilhas que ocorrem nas lagoas Uberaba e Gaíva), margens fluviais (como as dos rios Caracará e São Lourenço), margens lacustres (como as das lagoas Jacadigo e Negra, em Corumbá), paleodiques (como o *corixo* Mutum, na fazenda Bodoquena), morros isolados (como o do Caracará, na sub-região de Poconé), planícies fluvio-lacustres (como a da lagoa do Jacadigo) e, provavelmente, terraços fluviais (como os existentes na porção matogrossense do rio Paraguai) e demais áreas próximas a serranias (como a serra do Amolar). Esses pontos constituem informações de grande utilidade para futuros trabalhos de levantamento arqueológico, em especial para aqueles que primarem pelo uso de variáveis ambientais como indicadores de áreas com maior probabilidade de ocorrência de sítios, sejam de alta, sejam de baixa visibilidade, com ou sem intervenções no subsolo.

Torna-se necessário explicar que *cordilheiras* são elevações do terreno que ocorrem na planície de inundação e separam *baías*, termo genérico utilizado para designar vários tipos de lagoas. Geralmente são formações arenopargilosas com 1 a 2 m de altura, caracterizadas por uma densa vegetação que as destaca na paisagem como verdadeiras “ilhas de vegetação”, podendo ter formas comumente alongadas. *Capões-de-mato* são semelhantes às *cordilheiras*, distinguindo dessas basicamente pelo fato de apresentar formas circulares e subcirculares, muitas vezes de tamanho menor e não necessariamente separando *baías*. *Corixos*, por sua vez, são pequenos cursos d’água permanentes ou temporários que geralmente conectam *baías* (Oliveira, 1996).

Os assentamentos dessas populações, via de regra, estão relacionados a cursos d’água, na maioria das vezes permanentes. Por isso não é de se estranhar que desde esse período moluscos aquáticos, especialmente da família Ampullaridae (*Pomacea canaliculata* e *Pomacea scalaris*), constituíssem parte de sua dieta alimentar. Isso aconteceu no contexto do processo de umidificação de âmbito continental, iniciado na transição do Pleistoceno-Holoceno (entre 12.000 a 10.000 AP), que favoreceu um considerável aumento da vida aquática na América Tropical, propiciando a grupos humanos uma gama maior de alimentos obtidos através da coleta e da pesca em especial. Esse fato pode ser constatado em sítios arqueológicos encontrados tanto no interior quanto no litoral do continente sul-americano, a exemplo dos conhecidos *sambaquis* que ocorrem nas regiões Sul e Sudeste do país.

Rosa (1997) analisou os restos faunísticos coletados dos aterros MS-CP-16 e MS-CP-18, constatando a predominância de *Pomacea canaliculata* e *Pomacea scalaris*, sendo a primeira a espécie mais numerosa. O referido autor supõe uma intensa utilização desse recurso pelas populações que ali se estabeleceram, quer na alimentação, quer para outros fins ainda desconhecidos. Mas, ao comparar os aterros do Pantanal com os *sambaquis* litorâneos, pondera ressaltando que *ainda não é possível explicar mais precisamente o real significado destes animais em relação à dieta das populações em estudo* (Rosa, 1997, p.123). A verdade é que há muitas variáveis naturais e culturais que devem ser levadas em conta em estudos desse nível, como, por exemplo, o acúmulo de conchas por parte de animais (principalmente aves) e a preferência alimentar das populações estudadas. O mais provável é que gran-

de parte das conchas existentes nos aterros não corresponda a restos de alimentação, não sendo descartada a possibilidade de que tenham sido acumuladas naturalmente ou quiçá constituem material de construção dos aterros, hipóteses aliás já levantadas por Oliveira (1996).

Em função das idéias aqui expostas, não se deve descartar a possibilidade de que os primeiros grupos humanos possam ter chegado na região ainda em tempos mais remotos (antes de 8.200 AP), embora dificilmente num período anterior ao início do Holoceno, face também as polêmicas das datações anteriores a 11.000 AP. Para responder esta questão, primeiramente, há a necessidade de se realizar um levantamento arqueológico intensivo em áreas com recortes naturais, como a lagoa do Jacadigo, o que ainda não foi concluído. A partir desse levantamento, pesquisas em profundidade devem ser realizadas contando, inclusive, com datações radiométricas. Uma compreensão geral da região está sendo concluída pelo *Projeto Corumbá* que, diga-se de passagem, é marco indiscutível na história da Arqueologia do Pantanal. Resta agora – para os que continuam a investigar a *pré-história* do Pantanal – aprofundar os estudos a partir de problemas específicos em áreas específicas. A inexistência de pesquisas desta natureza implica, dentre outras coisas, na constatação de que a elaboração de modelos empíricos sobre a dinâmica das relações sociais relacionadas à ocupação dos assentamentos dessas populações – em última instância de *padrões de assentamentos* – possuem pouca sustentabilidade. Isto porque tem-se constatado o uso do termo padrão de assentamento para explicar a implantação de sítios arqueológicos na paisagem, o que definitivamente não é a mesma coisa. É claro que a definição do termo *padrão de assentamento* tem gerado muitas discussões na Arqueologia Estadunidense, embora em nosso país nem tanto. Com certeza vai muito além do estudo da implantação de sítios na paisagem; requer estudos aprofundados acerca de outros aspectos culturais a serem levados em conta, tais como: demografia, distribuição espacial da atividade humana, localidade, potencialidade ecológica dos ambientes, territorialidade e muitos outros. Logo, um estudo deste nível também está por ser concluído na região.

No entanto, pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas em andamento na sub-região de Poconé (MT), somadas às realizadas pelo *Projeto Corumbá* e *Projeto Vitória Régia*, poderão esclarecer melhor a questão.

O mais plausível é que ali a ocupação humana tenha sido intensificada após o *Optimum Climaticum*, pois pensa-se que somente quando o Pantanal se transformou numa região geoeologicamente diversificada, em função de um processo de tropicalização, pôde oferecer maiores condições à subsistência (pesca, caça e coleta) e ao estabelecimento de populações humanas. Esta afirmação não parte do princípio ingênuo de que as populações indígenas viviam num intenso *tropismo* em relação às áreas com maior potencialidade de oferta de recursos naturais úteis à subsistência humana. A questão é que a grande concentração faunística que caracteriza o Pantanal é um fator que não pode ser ignorado, ou seja, é uma particularidade *sui generis* que não pode ser omitida quando se discutem temas relacionados à adaptabilidade humana na região, sobremaneira no caso de populações de caçadores-coletores-pescadores. Entretanto, ainda há um grande *vazio* quanto à explicação da seguinte questão: quando o Pantanal tornou-se ecologicamente semelhante em relação à sua atual configuração ambiental?

Apesar de não se ter encontrado na literatura alguma pesquisa específica sobre o questionamento apresentado, é possível supor que essa situação ocorreu após ou em torno do final do *Optimum Climaticum*, isto é, por volta dos últimos cinco ou seis milênios. Nesse momento, vale a pena repetir, os principais contornos e ecossistemas aquáticos, subaquáticos e terrestres do Pantanal devem ter sido elaborados, situação esta importante para a instalação de assentamentos humanos. Portanto, após o *Optimum Climaticum* a região já seria um mosaico de *ecossistemas do domínio dos cerrados e ecossistemas do Chaco, além de componentes bióticos do Nordeste seco e da região periamazônica* (Ab'Saber, 1988, p.9).

Posteriormente, especialmente entre 3.000 e 2.000 AP, essas populações passaram a dominar a tecnologia cerâmica ou, o que é menos provável, foram substituídas por populações ceramistas. Passaram a ocupar com mais intensidade áreas de topografia mais plana que, conseqüentemente, sofrem um maior grau de inundação, como a sub-região do Abobral. Isso foi um processo gradativo que se deu à medida em que essas populações foram se adaptando aos ecossistemas locais, associado a um provável aumento demográfico e novas situações ecológicas regionais.

A tecnologia cerâmica dessas populações foi denominada *Tradição Pantanal*² e corresponde a vasilhas pequenas, na maioria das vezes com formato de meia esfera, meia calota e, menos freqüentemente, esférica e esférica com pescoço (*jarros e moringas*), que correspondem a um vasilhame de uso doméstico destinado a preparar, servir e armazenar alimentos sólidos e líquidos. Uma das principais características dessa tradição, em relação a outras que ocorrem nas terras baixas da América do Sul, é a considerável variação existente nos tipos de decoração corrugada, embora uma análise mais detalhada ainda está por ser publicada. Sobre o assunto pode-se contar com os aportes de Rogge & Schmitz (1992 e 1994) e Rogge (1996).

As evidências materiais das populações portadoras da *Tradição Pantanal* também são encontradas em aterros sob aspecto de *capões-de-mato* e, menos freqüentemente, de *cordilheiras*, o que não significa que todos os *capões-de-mato* e *cordilheiras* que ocorrem no Pantanal sejam sítios arqueológicos, ou vice-versa. Ao contrário do que se possa pensar *a priori*, nem todos os sítios arqueológicos das populações portadoras da *Tradição Pantanal* são aterros, embora já sejam quase objetos de *fetichismo* na Arqueologia regional. Há também sítios superficiais a céu aberto, a exemplo dos que foram encontrados em margens lacustres, como é o caso das lagoas Jacadigo e Negra (MS-CP-27, MS-CP-28 e MS-CP-57), próximas a cidade de Corumbá, mas geralmente em locais protegidos das cheias periódicas. Todavia, embora sendo ceramistas, sua subsistência estaria dependendo principalmente da pesca, caça e coleta.

Do ponto de vista arqueológico, os aterros também são indicadores de uma forma de adaptação ecológica relacionada aos fatores sazonais que marcam a planície de inundação, pois, em muitos lugares, são os únicos locais protegidos das cheias periódicas. Serviram de verdadeiros mini-refúgios para populações indígenas, assim como muitos ainda servem para parte da população atual que os elege como bons locais para a construção das sedes das fazendas e currais de gado. São formados por um conjunto de fatores de ordem

² Neste artigo o termo *tradição* é utilizado restritamente para designar um conjunto de elementos ou técnicas que caracterizam, no caso da *Tradição Pantanal*, a tecnologia cerâmica de populações indígenas numa perspectiva espaço-temporal.

natural e antrópica e representam uma forma de manejo ambiental, uma interferência direta do homem na paisagem pantaneira. As pesquisas atestam que também houve uma influência antrópica direta no acúmulo de conchas de gastrópodes aquáticos que comumente se encontram sobre antigas elevações do terreno, pois nesses locais as conchas sempre foram encontradas associadas a material cultural, como fragmentos de vasilhas cerâmicas, e a restos de alimentação humana, como ossos de peixes e mamíferos. Não raras vezes também foram encontrados sepultamentos humanos nesses sítios arqueológicos, conforme é possível verificar em Schmitz (1997). Como já foi mencionado anteriormente, também não se pode descartar a possibilidade de que os grupos tenham manejado espécies florísticas nos aterros com o propósito de minimizar o tempo gasto para encontrá-las para fins de subsistência, matéria-prima para a confecção de artefatos e outras finalidades.

Por outro lado, não se pode pensar numa ocupação contínua de todos os sítios ao longo de milênios, pois deve ter havido períodos de abandono e reocupação sucessivos em função de fatores ecológicos e culturais, nem sempre fáceis de serem observados através de cortes estratigráficos. Um desses fatores seria a variabilidade plurianual de períodos muito chuvosos ou relativamente secos que normalmente parecem durar mais de uma década no Pantanal. Essa variabilidade certamente afetou a dinâmica de ocupação humana da região, sobremaneira dos assentamentos localizados nas margens dos rios. Este parece ser o caso dos assentamentos Guató localizados nas margens do rio Caracará (MT), os quais eram utilizados pelas famílias, preferencialmente, durante a seca, pois até antes da grande cheia de 1974 normalmente não permaneciam inundados. Após a grande cheia, associada a problemas gerados pelo contato com a sociedade nacional, algumas famílias procuraram outras áreas menos vulneráveis às cheias periódicas para constituírem seus assentamentos. Esta parece ser a realidade dos Guató José e Veridiano que atualmente vivem no morro do Caracará, sobre o sítio MT-PO-03, dentro da área do *Parque Nacional do Pantanal Matogrossense*³. Outro exemplo é o caso de populações ribeirinhas *crioulas* que ocuparam as margens do rio Paraguai, desde

³ Alguns desses sítios foram recentemente levantados *in loco* pelo autor através de informantes Guató que vivem na região.

Corumbá até a confluência com o rio São Lourenço, que após essa grande cheia gradativamente abandonaram os locais onde até então viviam (atualmente sítios arqueológicos históricos). Isso tudo faz pensar que um levantamento de sítios arqueológicos de alta visibilidade, principalmente de aterros, não é suficiente para a elaboração de modelos, ainda que preditivos, sobre questões como *padrões de assentamentos* das populações portadoras da *Tradição Pantanal*. É preciso, torna-se a dizer, levantar os de baixa visibilidade visto que no caso daqueles que ocorrem nas margens dos rios Paraguai, Caracará e mesmo no São Lourenço, sempre associados à mata ciliar, nem sempre apresentam evidências materiais na superfície dos terrenos. Seria esta também a realidade de outros rios da região?

Mas pergunta-se ainda: de onde vieram essas populações indígenas?

Responder esta questão é outra das mais difíceis tarefas diante dos dados disponíveis. Pode-se dizer que o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas na região do *Gran Chaco*, na Pré-Amazônia e, principalmente, na área de influência do Pantanal⁴, são fundamentais para elucidar a questão em pauta. Verifica-se também que pelo fato de a região pantaneira estar situada numa zona circundada por regiões geologicamente marcantes na América do Sul – como os Cerrados, a Pré-Amazônia e o Chaco –, as populações poderiam ter como ponto de origem essas grandes áreas. Para exemplificar essa possibilidade, pode-se dizer que as vias fluviais que ligam o Planalto e o Chaco ao Pantanal poderiam perfeitamente servir de rotas de migração para populações indígenas, a exemplo dos rios Taquari e Paraguai. Esta idéia chama a atenção para o posicionamento geográfico singular do Pantanal, um dos principais fatores responsáveis pela sua característica de mosaico ambiental. Nesta linha de raciocínio, pensa-se ser pertinente a utilização da *teoria dos refúgios* para aprofundar questões desta natureza, pois além de estar comprovada a presença no Pantanal de faunas e floras das regiões acima mencionadas, também dispõe-se de dados arqueológicos e, principalmente, textuais que possibilitam a formulação de hipóteses a respeito da presença de populações indígenas oriundas dessas mesmas regiões no Pantanal, como será discutido mais adiante.

⁴ Segundo Godoi Filho (1986, p.63) considera-se como sua área de influência *aquela situada fora da região geográfica do Pantanal Mato-grossense...*, mas que constitui sua área fonte de água e sedimentos, ou seja, basicamente a região do Planalto.

Prosseguindo a discussão, Ab'Saber (1988) considera que antigos grupos “caçadores-coletores” poderiam ter chegado à região através do arco das terras cisandinas.

“O corredor de terras baixas do Guaporé, que dava boa conexão com a região do Alto Paraguai, em área pré-pantaneira, pode ter sido a faixa de penetração de paleoíndios e/ou paleoíndios tardios. Embora a rota principal de migrações fosse oeste-leste, a partir dos bordos do Planalto Central Brasileiro, é possível que alguns pequenos grupos tenham feito volutas na direção das bordas do Pantanal e terras firmes bolivianas e paraguaias, quando vigoravam climas secos, por imensos espaços da América Tropical. Na época, a área correspondente aos ‘pantanais’ de hoje era particularmente rústica, do ponto de vista climático e hidrológico, possuindo ambiente subdesértico, forte atuação dos processos morfogênicos de acumulação em cones de dejeção, hidrologia intermitente, e vegetação rala de caatingas arbustivas, mal consolidadas. Os grupos caçadores-coletores devem ter preferido os sopés de escarpas, serranias e abrigos sobre rocha. Muito mais tarde, quando houve uma progressiva retomada da tropicalização, perenizando rios, criando pantanais e enriquecendo a ictiofauna fluvial, a depressão pantaneira tornou-se mais atrativa: grupos tupis-guaranis, aos poucos, se assenhorearam das vastas áreas do Pantanal Mato-Grossense, iniciando sua diáspora por imensas áreas do Brasil” (Ab'Saber, 1988, p.46).

Tais idéias partem da seguinte premissa:

“Tudo leva a acreditar que se dava preferência por pequenas áreas dotadas de maior diversificação geocológica e biótica, situadas nos sopés e arredores de escarpas areníticas; sobretudo os locais onde matas orográficas, em situação de refúgios, eram envolvidas por outros ecossistemas, mais extensivos. Enfim, locais onde a diversidade biológica – numa situação geral de grande predominância de climas secos – era maior, devido à multiplicidade de habitats e às três potencialidades de oferendas da natureza [caça, pesca e coleta]” (Ab'Saber, 1988, p.46).

Essas hipóteses podem sugerir que a ocupação indígena do Pantanal recua a mais de 9.000 AP, em função da possível presença de grupos paleoíndios e paleoíndios tardios, o que ainda não foi devidamente constatado pelas pesquisas arqueológicas. Sobre as possíveis rotas de migração, realmente os bordos do Planalto Central Brasileiro são uma das possibilidades, assim como as terras baixas da bacia do rio Guaporé, embora ainda sejam áreas pouco conhecidas do ponto de vista arqueológico. Também não se pode descartar a vinda de grupos caçadores-coletores-pescadores pelo Sul, através do Chaco. Dados arqueológicos confirmam a idéia de que populações humanas estabeleceram-se de preferência e inicialmente nos sopés das

escarpas e locais próximos a serranias, não tendo sido encontrado até o presente momento qualquer abrigo-sob-rocha nos planaltos residuais de Urucum e Amolar, embora seja uma possibilidade para pesquisas em maior profundidade, como o recente trabalho de Oliveira & Peixoto (1997). Tais assentamentos, especialmente os já conhecidos, via de regra estão relacionados com a planície de inundação. Finalmente, grupos portadores da tradição tecnológica ceramista Tupiguarani, sub-tradição Corrugada, já estudados por Peixoto (1995) para o Maciço do Urucum, devem ter atingido o Pantanal entre 2.000 e 1.000 AP mas, conforme atesta a documentação histórica do período colonial, não se assenhorearam da região, conforme supõe Ab'Saber (1988). Esta é uma idéia equivocada, inclusive na perspectiva da história regional, embora tenha sido repetida por muitos historiadores. Do ponto de vista historiográfico, inicialmente a idéia foi apresentada por Corrêa Filho (1969) e posteriormente repetida por Valverde (1972). Sabe-se que os assentamentos dessas populações – provavelmente correspondentes a grupos lingüisticamente Tupi-Guarani, como os Itatim do período colonial – encontram-se geralmente nas terras altas do planalto residual de Urucum, quiçá nas de Amolar, mas não em áreas periodicamente alagadas da planície de inundação do Pantanal. Trata-se de grupos horticultores que se estabeleceram em áreas cujos solos são mais favoráveis ao cultivo e o clima semelhante aos que ocorrem na região Sul do país, onde também ocorrem sítios da mesma tradição.

Peixoto (1995) identifica um provável contato ou contemporaneidade entre as populações portadoras das tradições Tupiguarani e Pantanal nos sítios MS-CP-13, MS-CP-42 e MS-CP-44 localizados no Maciço de Urucum, município de Corumbá. Os estudos de González (1996) também comprovam essa realidade para o sítio MT-PO-03, registrado por Maria Lúcia Pardi. Este último sítio localiza-se no morro do Caracará, local atualmente ocupado pelos Guató José e Veridiano e que está sendo estudado pelo autor deste artigo. Em ambos os casos é evidente a existência de cerâmica Tupiguarani e Pantanal, mas ainda não há elementos para inferir sobre cronologia, contato ou sobreposição das ocupações. Fato é que, definitivamente, os grupos da *Tradição Tupiguarani* não se assenhorearam de toda a região, pois grande parte dela é compreendida pela planície de inundação onde predominam sítios da *Tradição Pantanal*. Isto foi constatado para

parte das sub-regiões do Abobral, Miranda, Nabileque, Paraguai, Poconé e provavelmente para o Puerto 14 de Mayo, este último localizado na porção do Pantanal que pertence ao Paraguai, tendo sido estudado por Susnik (1959).

Outra questão interessante refere-se ao sítio MS-MA-39 (Coordenadas UTM 522400E e 7825000S) levantado recentemente por Oliveira & Peixoto (1997) a partir de intervenções no subsolo, aqui entendidas como sondagens arqueológicas. O sítio encontra-se numa área de transição entre a planície de inundação do Pantanal e a serra da Bodoquena, sobre um dique fluvial, na mata ciliar de um córrego chamado regionalmente de Tereré. Trata-se provavelmente de um assentamento temporário de populações portadoras da *Tradição Pantanal*. Possui uma dimensão de 88 m² com uma espessura da deposição de aproximadamente 25 cm. A diferença em relação aos demais sítios levantados pelo *Projeto Corumbá* está no fato de não existirem grandes cursos d'água nas proximidades. Portanto, não havia a possibilidade de usar a canoa como meio de transporte. Ademais, está numa zona de transição, área anteriormente não pesquisada. Isso chama à atenção para a necessidade da realização de pesquisas arqueológicas em áreas distintas como pré-requisito para um maior conhecimento da *pré-história* do Pantanal. Caso contrário, os modelos adaptativos, ainda que empíricos e frágeis, serão restritivos a áreas inundáveis, próximas a grandes cursos d'água, como lagoas permanentes, corixos e rios.

Destarte, há de se fazer outro questionamento: nas áreas que circundam o Pantanal, como a serra de Bodoquena, não ocorrem sítios da *Tradição Pantanal*? Somente pesquisas futuras poderão oferecer respostas a esta indagação.

Em suma, o que marca a ocupação indígena da maior planície de inundação do globo, desde seus primórdios, é uma profunda “simbiose” com as áreas inundáveis da região. Não por acaso são áreas marcadas por uma ímpar e considerável diversidade geocológica e biótica, característica esta que passou a ter sobremaneira após o *Optimum Climaticum*. Isto favoreceu, sem dúvida alguma, o estabelecimento e a subsistência de grupos caçadores-coletores-pescadores em função da abundância de recursos naturais disponíveis na região, sobremaneira a concentração faunística.

SOCIEDADES INDÍGENAS NO PANTANAL EM TEMPOS DA CONQUISTA IBÉRICA DA REGIÃO PLATINA

Documentos históricos, especialmente de origem espanhola, possibilitam dizer que na primeira metade do século XVI o Pantanal caracterizava-se por ser uma importante área no contexto cultural da América do Sul, configurando-se como um verdadeiro *mosaico cultural* situado no centro do continente.

Muitos grupos estavam estabelecidos na região, cada qual em ambientes distintos: as áreas inundáveis eram os domínios dos grupos canoeiros, como os Guató e Guaxarapo; e as áreas mais elevadas, como é o caso do maciço de Urucum, estavam ocupadas por grupos horticultores, dentre eles os Guarani. Documentos produzidos por espanhóis e portugueses durante esse período comprovam a existência de considerável densidade demográfica e também de grande diversidade étnica e lingüística, marcada por intensos contatos interétnicos e influências culturais, inclusive, com grupos originários do *Gran Chaco*. Entretanto, a maioria deles foi exterminada durante os três primeiros séculos de contato com populações não-indígenas, por causa, dentre outros motivos, dos vários conflitos diretos e das epidemias. Somente três etnias conseguiram chegar aos dias atuais: Guató, Kadiwéu e Terena (J. E. de Oliveira *apud* Francishini, 1996).

Com base em Susnik (1961 e 1978), verifica-se o seguinte quadro etnolingüístico aproximado:

GRUPOS ÉTNICOS QUE OCUPARAM O PANTANAL EM TEMPOS COLONIAIS		
Filiação Lingüística	Etnias	Áreas de Ocupação
Família Lingüística Arawak	Laiana (Chané e Guaná), Echoaladi, Terena, Kinikinao e talvez os Orejone e Xaray.	Desde alguns pontos do rio Apa e áreas próximas até a porção leste do alto curso do rio Paraguai.
Família Lingüística Guaicuru	Mbayá-Guaycuru (Guetiadegodi ou Montarece, Catiguredodi ou Kadiwéu, Apacachodegodegui, Lichagotegodi, Eyibegogodegui ou Enacagas e Gotocogegodegui) e Payaguá (Siracua ou Sarigué, Agaz e pouco provavelmente os Guaxarapo).	Desde parte do Pantanal Matogrossense e seus limites com o Chaco até grande parte do alto curso do rio Paraguai, talvez porções das sub-regiões de Miranda e Nhecolândia.

GRUPOS ÉTNICOS QUE OCUPARAM O PANTANAL EM TEMPOS COLONIAIS		
Filiação Lingüística	Etnias	Áreas de Ocupação
Família Lingüística Tupi-Guarani	Guarambarenses (?) e Itatim	Rios Ypané, Apa e Miranda.
Família Lingüística Jê	Kaingang	Especialmente as terras ao norte do rio Apa até a zona dos Caiapó.
Família Lingüística Zamuco	Yshyr (Xorshio/Caitporade)	Áreas próximas à Lagoa Negra, próxima ao atual limite Brasil-Paraguai, abaixo do paralelo 20 de latitude Sul.
Tronco Lingüístico Macro-Jê	Guató	Grande parte do alto curso do rio Paraguai, antigo rio São Lourenço, rio Caracará, Ilha Insua e lagoas Gaíva e Uberaba.

O quadro retro apresentado não está completo. Os documentos históricos mencionam muitos outros grupos, os quais ainda não foram devidamente analisados no âmbito da Etnologia e da História Étnica ou numa perspectiva etnoarqueológica. Alguns deles foram exterminados sem maiores registros textuais. Sem embargo, dos que estão citados no quadro, sabe-se que: 1) os grupos filiados às famílias lingüísticas Arawak e Tupi-Guarani são considerados de origem amazônica; 2) os grupos filiados às famílias lingüísticas Guaicuru e Zamuco são historicamente chaquenhos; 3) os grupos filiados à família lingüística Jê e ao tronco lingüístico Macro-Jê possuem muitos grupos lingüisticamente aparentados que ocuparam os Cerrados e as Florestas Subtropicais do Sul do país, onde também há influência da Mata Atlântica. Esta constatação lembra o quadro das províncias fitogeográficas e áreas de influência que atuam na região elaborado por Adámoli (1986). Nesta linha de raciocínio, pode-se dizer que os dados lingüísticos apresentados, correlacionados com questões fitogeográficas, podem reforçar a idéia de que o Pantanal também se configura em termos culturais como uma provável área ocupada por populações indígenas oriundas, dentre outras regiões, da Amazônia, dos Cerrados, da Floresta Atlântica e do Chaco, assim como também muitos especialistas têm pensado em termos florísticos e faunísticos. Entretanto, vale a pena lembrar que, para serem cientificamente verificadas, estas considerações carecem de estudos

glotocronológicos específicos que possam ser comparados com dados de natureza arqueológica.

Com efeito, entender o Pantanal como um *mosaico cultural* parece ser o conceito mais pertinente e adequado diante do quadro apresentado.

É interessante ressaltar que os grupos étnicos Guató, Guaxarapo e Payaguá são tipicamente canoieiros e ocuparam a planície de inundação, sendo que os dois últimos foram exterminados ao longo da Conquista Ibérica da região pantaneira. No caso específico dos Guató, Oliveira (1996) constata que sua forma de adaptação ecológica é muito semelhante à dos demais grupos canoieiros portadores da *Tradição Pantanal* que também ocuparam a região em tempos pré-coloniais, sendo o mais conhecido em termos etnográficos. Historicamente ocuparam uma área inclusa entre aproximadamente os paralelos de 16°30' a 21°00' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°30' de longitude Oeste de Greenwich, com destaque para o curso principal do rio Paraguai, rio Paraguai-Mirim, rio Alegre, região do Caracará, antigo rio São Lourenço, parte do rio Cuiabá, canal D. Pedro II, lagoas Uberaba e Gaíva, Ilha Ínsua, dentre outras regiões da planície de inundação. Muitos de seus assentamentos localizam-se geomorfologicamente nos mesmos pontos da paisagem em que são encontrados os sítios arqueológicos da *Tradição Pantanal*. Todavia, neste item não se tem por objetivo a realização de uma analogia direta ao estilo evolucionista do século XIX, isto é, querer atribuir a este ou aquele grupo étnico a “paternidade” da *Tradição Pantanal*. Mas também não se pode negar a existência de dados etnográficos suficientes que sugerem que os Guató são representantes dos grupos portadores da *Tradição Pantanal*. São representantes, mas não são os únicos, nem tampouco pode-se afirmar que eles estão diretamente associados aos sítios levantados pelos pesquisadores do *Projeto Corumbá*. A questão é mais complexa. O que deve ter ocorrido na planície de inundação do Pantanal é que vários grupos compartilharam de uma mesma tradição tecnológica ceramista, a *Tradição Pantanal*, sem que isso implique a idéia de que tenham compartilhado de uma única cultura (no seu sentido mais amplo e antropológico). Mas teriam tido uma identidade em comum?

O que marca a adaptação ecológica dos Guató é a grande mobilidade espacial relacionada a uma estratégia de ocupação do espaço que envolve os seguintes fatores cultural e ecologicamente marcantes em sua subsistência:

1) organização social baseada em famílias nucleares, autônomas e independentes umas das outras; 2) grande mobilidade espacial em decorrência do uso da canoa como principal e decisivo meio de transporte, sendo que esta característica está intimamente associada ao *ethos* cultural do grupo; e 3) existência de diferentes assentamentos que são ocupados sazonalmente. Estes fatores indicam uma relação de “simbiose” com as áreas inundáveis, sobremaneira com os grandes cursos d’água, como rios, lagoas e corixos.

Dentre os assentamentos geomorfologicamente localizados nos mesmos pontos onde ocorrem sítios da *Tradição Pantanal*, as referidas populações ocuparam muitos aterros sob forma de *capões-de-mato* e *cordilheiras*, sendo estes dois últimos especialmente procurados no período da cheia e os demais sítios, anteriormente mencionados, na seca. Entretanto, os sítios arqueológicos dos Guató, muitos dos quais encontrados na Ilha Ínsua e na região do Caracará, somente agora estão sendo investigados arqueologicamente. E apesar de praticarem algum cultivo, aparentemente incipiente (ao menos de acordo com documentos textuais), sua subsistência dependia mais da pesca e da caça, sendo, ao meu ver, um verdadeiro representante dos grupos canoeiros que se estabeleceram na planície de inundação do Pantanal.

Com base em Oliveira (1996) e Schmidt (1912, 1942a e 1942b), nota-se que a forma de organiza o social dos Guat  baseada em famílias nucleares, não raramente marcada pela poligamia, também representa uma estratégia de adaptabilidade   planície de inunda o do Pantanal, pois favorece maior mobilidade espacial e explora o dos recursos naturais ali existentes, uma vez que tradicionalmente cada família vive preferencialmente distante das outras. Isso também implica um menor impacto negativo aos ecossistemas locais, em última análise aos recursos naturais úteis   subsistência humana e contidos num determinado espaço geográfico. A forma de organiza o está manifestada na cultura material do grupo, a exemplo da cerâmica de uso doméstico semelhante   da *Tradi o Pantanal*. Pois tratando-se de famílias que vivem isoladamente e que possuem grande mobilidade espacial, não é de se estranhar que possuísem vasilhas pequenas para armazenar, preparar e servir alimentos sólidos e líquidos.

Aqui há de se fazer um esclarecimento: Max Schmidt é o pioneiro em pesquisas arqueológicas no Pantanal, inclusive sobre aterros. Apesar das indis-

cutíveis contribuições para o conhecimento da Arqueologia da região, a exemplo de Schmidt (1914), suas publicações ainda não fazem parte da bibliografia de muitos trabalhos recentemente publicados que tratam do assunto. Em Oliveira (1996) e Kipnis, Wüst, Prous *et al.* (1997) há importantes referências bibliográficas a quem possa interessar.

Com base no exemplo etnográfico Guató, é possível melhor compreender a dinâmica de ocupação dos assentamentos sazonais, permanentes e temporários, das populações indígenas que estão relacionadas aos sítios arqueológicos da *Tradição Pantanal*, ao menos aos até então conhecidos. Os assentamentos localizados em pontos que são periodicamente inundados durante a cheia seriam os permanentes, mais utilizados no período da seca. Este parece ser o caso dos sítios situados em margens fluviais. Já aqueles que se encontram em pontos mais elevados, que não são inundados periodicamente, seriam os temporários, a exemplo de aterros sob forma de *capões-de-mato* e *cordilheiras* que ocorrem nos campos. No entanto, um modelo deste nível não pode ser entendido como algo rígido, pois tendo em vista a complexidade dos sistemas sócio-culturais relacionados à interpretação de questões como esta, não é de se descartar a existência de outras possibilidades. Outrossim, nem todos os aspectos comportamentais da adaptabilidade humana podem ser determinados pelo meio físico, especialmente no âmbito da Arqueologia, onde muitas vezes se estuda populações pretéritas extintas a partir de uma abordagem materialista.

Isso posto, constata-se que o estudo de grupos étnicos conhecidos historicamente – à exceção de analogias diretas e assistemáticas – é de fundamental importância para a compreensão dos processos adaptativos relacionados a fatores ambientais que marcaram a ocupação indígena da planície de inundação do Pantanal. É com este propósito que pesquisas etnoarqueológicas $\frac{3}{4}$ incluindo aquelas com base em fontes textuais $\frac{3}{4}$ acerca dos grupos canoieiros que estavam estabelecidos na região desde o século XVI, estão em andamento. Quando estes estudos forem concluídos, espera-se ser possível contar com outros dados que deverão melhor elucidar a temática em discussão. Uma das possibilidades é a aplicação da *teoria de alcance médio* na tentativa de confrontar dados arqueológicos com dados etnográficos e etnoarqueológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conta dos dados apresentados, é possível deduzir que a ocupação indígena pré-colonial do Pantanal tenha se intensificado após o *Optimum Climaticum*, a partir de 5.000 AP, quando provavelmente a região começou a se apresentar, em termos ecológicos e em função de um processo de tropicalização continental, de forma semelhante à sua atual configuração ambiental. Assim como ocorreu com a fauna e a flora, o Pantanal apresenta-se como uma área propícia ao estabelecimento de populações indígenas oriundas das regiões circunjacentes, como é o caso do Chaco, dos Cerrados e da Pré-Amazônia, seja em função de pressões demográficas, seja em função da possibilidade de maiores recursos naturais úteis à subsistência humana ou por outras questões. Inicialmente isso se deu com grupos caçadores-coletores-pescadores cuja subsistência dependia fortemente dos recursos naturais existentes na região, a exemplo dos recursos ictiofaunísticos. Trata-se, em sua maioria, de grupos canoeiros que também estão associados aos aterros que ali ocorrem. Posteriormente, entre 3.000 e 2.000 AP, esses grupos ocuparam áreas mais vulneráveis às inundações periódicas, a exemplo de muitos aterros sob forma de *capões-de-mato* e *cordilheiras*, demarcando como seu território a planície de inundação.

Tais idéias pressupõem que nas regiões que circundam o Pantanal a ocupação indígena seja mais antiga. Pressupõem ainda que um dos fatores decisivos à ocupação indígena da região tenha sido sua grande biodiversidade (sobremaneira a ímpar concentração faunística) e seu posicionamento geográfico singular. Destarte, defende-se a idéia de que a *teoria dos refúgios*, enquanto instrumental teórico fundamentado na interdisciplinaridade, pode servir ao fomento das discussões que permeiam a história pré-colonial do Pantanal, assim como também tem sido de grande utilidade às discussões em torno da ocupação indígena em outras regiões da América Tropical.

Em nível de hipótese, pensa-se ainda que quando grupos ceramistas e horticultores, muitos dos quais de origem amazônica, atingiram a região por volta de 2.000 e 1.000 AP, ocuparam as porções mais elevadas da região, como é o caso dos planalto residual de Urucum, áreas mais favoráveis ao cultivo. Isso não se deu apenas por uma questão de adaptação ecológica, mas também pelo fato de a planície de inundação já estar ocupada por grupos canoeiros

relacionados aos aterros que ali ocorrem aos milhares, ou seja, por questões relacionadas à demarcação de territórios.

Por tudo o quanto foi exposto, é de se consignar que a temática da ocupação indígena do Pantanal é de grande relevância para a história do homem na região. Mas isso não é tudo. A exemplo das rápidas informações apresentadas sobre os Guató, pesquisas de caráter etnoarqueológico são fundamentais para a melhor compreensão do assunto, pois possibilitam um maior conhecimento da adaptabilidade ecológica das etnias registradas na documentação textual e, no mínimo, o levantamento de variáveis culturais para o estudo daquelas que ali viveram em tempos pré-coloniais (*ágrafos*). Isso não implica *a priori* a idéia de que os Guató são relíquias do passado arqueológico ou de que haja uma *continuidade cultural* entre eles e os sítios da *Tradição Pantanal*. O que se tem defendido é a idéia de que eles constituem um exemplo etnográfico que não pode ser desprezado sob risco de simplificar um tema complexo que começa a fazer parte das discussões sobre a chamada *Pré-História Brasileira*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A. N. 1988. O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 50:9-57. Tomo especial.
- AB'SABER, A. N. 1995. Redutos florestais, refúgios de fauna e refúgios de homens. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):1-35.
- ADÂMOLI, J. 1986. Fitogeografia do Pantanal. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais...* Brasília : EMBRAPA, p.51-61.
- BOGGIANI, P. C.; COIMBRA, A. M. 1997. O Pantanal foi mar? *O Pantanal*, Campo Grande, 1:5.
- BROWN JÚNIOR, K. S. 1986. Zoogeografia da região do Pantanal Mato-grossense. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais...* Brasília : EMBRAPA, p.137-178.
- COLTRINARI, L. 1992. Paleoclimas quaternários na América do Sul: primeira aproximação. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO QUATERNÁRIO, 3º, 1992, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte : ABEQ, p.13-42.
- CORRÊA FILHO, V. 1969. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro : MEC – Instituto Nacional do Livro.
- DEL'ARCO, J. O. et al. 1982. Geologia. In: *Projeto Radambrasil*. Folha SE.21 e parte da Folha SE.20. Rio de Janeiro : Ministério das Minas e Energia – Secretaria-Geral, p.25-160. (Levantamento de Recursos Naturais, 27).
- FRANCISHINI, S. (Org.). 1996. *Pantanal: um passeio pelo paraíso ecológico*. Enciclopédia Multimídia em CD-ROM. Campo Grande : Posthage Mídia Interativa/EMBRAPA/SEBRAE.

- GLOSSÁRIO DE ECOLOGIA. 1987. São Paulo : ACIESP/CNPq/FAPESP/Secretaria de Ciência e Tecnologia-SP.
- GODOI FILHO, J. D. de. 1986. Aspectos geológicos do Pantanal Mato-grossense e sua área de influência. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais...* Brasília : Embrapa – Departamento de Difusão e Tecnologia, p.63-76.
- GONZÁLEZ, E. M. R. 1996. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro Oeste Brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6:83-121.
- KIPNIS, R. et al. (Org.). 1997. Bibliografia da Arqueologia Brasileira. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, 15-16.
- OLIVEIRA, J. E. de. 1996. *Guató – argonautas do Pantanal*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1996.
- OLIVEIRA, J. E. de. 1997. A teoria dos refúgios e a ocupação indígena das áreas inundáveis do Pantanal. *Revista de Geografia*, Campo Grande, 3(6):23-30.
- OLIVEIRA, J. E. de; PEIXOTO, J. L. dos S. 1997. *Prospecção arqueológica na área a ser diretamente impactada pelo Gasoduto Bolívia-Brasil em Mato Grosso do Sul (km Zero-350)*. Trabalho de consultoria científica em Arqueologia. Corumbá/Dourados : UFMS-FAPEC/PETROBRAS.
- PEIXOTO, J. L. dos S. 1995. *A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-Matogrossense: Mação do Urucum*. Porto Alegre : PUCRS. Dissertação de Mestrado.
- ROGGE, J. H. 1996. *A Tradição Pantanal: uma nova tradição ceramista nas terras baixas sul-americanas*. Comunicação apresentada no Simpósio “Arqueologia de las Tierras Bajas. Montevideu. (no prelo)
- ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. 1992. Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6ª, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro : CNPq/FINEP/UNESA/SAB, p.784-791.
- ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. 1994. Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):169-180.
- ROSA, A. O. 1997. Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul – Projeto Corumbá: análise preliminar dos restos faunísticos. *Biblos*, Rio Grande, 9:117-126.
- SCHMIDT, M. 1912. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 44(1):130-174.
- SCHMIDT, M. 1914. Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und Archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv*, Berlin, 4(6):251-283.
- SCHMIDT, M. 1942a. Resultados de mi tercera expedición a los Guatós efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 5(6):41-75.
- SCHMIDT, M. 1942b. *Estudos de etnologia brasileira*. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo : Companhia Editora Nacional.
- SCHMIDT, M. 1951. Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los metodos de agricultura de los indigenas sudamericanos. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 5:239-252.
- SCHMITZ, P. I. 1993. Programa Arqueológico do MS – Projeto Corumbá. In: SIMPÓSIO SUL-RIOGRANDENSE DE ARQUEOLOGIA, 6º, Porto Alegre, 1991. *Trabalhos apresentados...* São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, p.40-47.

- SCHMITZ, P. I. 1997. Pantanal: os primeiros passos da pré-histórica. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, 129(22):36-45.
- SCHMITZ, P. I.; BEBER, M. V. 1996. *Os aterros do Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil*. Trabalho apresentado no Simpósio “Arqueologia de las Tierras Bajas. Montevideú. (no prelo).
- SUSNIK, B. 1959. Material arqueológico del area alto-paraguayense (Puerto 14 de Mayo). *Boletín del la Sociedad Científica del Paraguay y del Museo Etnográfico “Andrés Barbero”*, Asunción, 3(1):81-103.
- SUSNIK, B. 1961. Clasificación de las poblaciones indígenas del area chaqueña. *Manual de etnografía paraguaya*. Asunción : Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, p.209-212.
- SUSNIK, B. 1978. *Etnografía del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción : Museo Etnográfico “Andrés Barbero”. (Los Aborígenes del Paraguay, 1).
- VALVERDE, O. 1972. Fundamentos geográficos do planejamento do município de Corumbá. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 34(1):49-144.